revista CANTAREIRA
criada e matida por alunos da área de HISTÓRIA DA UFF
www.historia.uff.br/cantareira

REVISTA CANTAREIRA

http://www.historia.uff.br/cantareira

ISSN 1677–7794

cantareira@historia.uff.br

CANTAREIRA – Revista Eletrônica de História

Volume 2 – Número 2 – Ano 3 – Ago. 2004

Editor – Mauro Henrique Barros Amoroso

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF)

Departamento de História

Campus do Gragoatá - Bloco O - 5º andar - Niterói - RJ - Brasil - CEP 24210-350

Telefone: (021) 2629-2919

Os direitos dos artigos publicados nesta edição são propriedade exclusiva dos autores.

Esta obra pode obtida gratuitamente no endereço web da revista. Pode ser reproduzida eletronicamente ou impressa, desde que mantida sua integridade.

Equipe

Editor Responsável

Mauro Amoroso

Editores

Alexandre Camargo

Alexandre Pierezan
Fabrício Freire
Fabrício Motta
Francisco dos Santos Lourenço

Guilherme Moerbeck

Hagaides de Oliveira

Leonardo Arruda

Priscila Aquino Silva

Richard Negreiros de Paula

Editores Correspondentes

Antonio Marcos Myskiw

Erneldo Schallenberger

Maria Thereza David João

Márcio Marchioro

Valdir Gregory

Designer gráfico

Sheila Freire

Ficha Catalográfica

Revista Cantareira – Revista Eletrônica de História

Volume 1, Número 3, Ano 2, Ago. 2004

Disponível em:
hhttp://www.historia.uff.br/Cantareira

1. História Geral; 2. Historiografia

Vida e Morte no Cristianismo Primitivo

Marcos Caldas[*]

RESUMO: este ensaio trata de maneira breve das noções de morte e vida na crença cristã nos três primeiros séculos de nossa era. Este artigo propõe que desde de seu início, a Igreja Cristã precisou *grosso modo* enfrentar dois diferentes desafios: de um lado, em seu ramo ocidental, a Igreja nascente teve que se confrontar com o Estado Romano e seus problemas políticos, de outro lado, na Igreja oriental, os primeiros cristãos foram obrigados a se desenredarem das suas raízes judaicas e helenísticas, principalmente em relação às questões doutrinais. Estas duas faces de uma só Igreja levaram a distintas respostas em relação às concepções de vida e morte, que foram apenas unificadas com os concílios ecumênicos após 325 d.C.

Palavras-chave: religião, cristianismo, antiguidade

ABSTRACT: this brief essay deals with the notions on Christian belief's death and life in the first three centuries of our era. This article proposes that since the very beginning the Christian Church mainly had to face two different challenges: on the one hand, in its Occidental branch the nascent Church was directly confronted by the Roman State and its political problems; on the other hand, in the Oriental Church, the first Christians had to disentangle themselves from their Jewish and Hellenistic roots in doctrinal matters. These two faces of the Church brought distinguished answers to conceptions of death and life, which were only unified with the ecumenical councils after 325 A.D.

Key words: religion, Christianity, antiquity

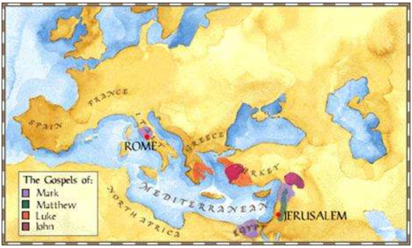
INTRODUÇÃO:

A denominação 'cristianismo primitivo' compreende o período que vai da morte de Jesus em 33[1] A.D[2] até a chamada "conversão de Constantino" (306-337)[3], ocorrida ao que parece no ano de 337 d.C. Este período pode ser dividido em três fases: a) a primeira fase está situada entre época da vida de Jesus até o ano 100, data em que a maioria dos contemporâneos de Jesus já havia falecido; b) a segunda fase vai do ano 100 ao ano de 250, no momento em que o Cristianismo se propagava fora da Palestina, principalmente nas províncias romanas mais antigas (Síria, Ásia Menor, Egito e, é claro, pela Itália, especialmente em Roma), sem, no entanto, constituir uma religião universal; e c) o terceiro momento abrange a época em que o Cristianismo foi mais intensamente perseguido pelo Estado romano (entre 250 e 311) até sua aceitação como religião do Estado imperial romano a partir de 391[4].

A primeira fase é marcada por uma série de disputas doutrinais, a começar pelos apóstolos companheiros de Jesus (em especial Paulo e

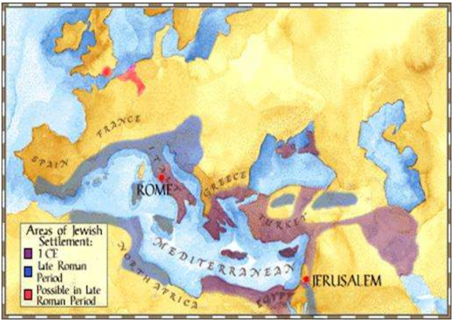
Pedro); disputas essas menos em razão da condução das comunidades do que em razão da linha de interpretação da ‘palavra’ adotada; tratava-se, pois, de responder às questões fundamentais, tais como as contribuições do Judaísmo ao advento do Cristianismo e a subseqüente transmissão da ‘boa nova’ para fora das fronteiras do mundo judeu. Ainda nesta época, a comunidade primitiva cristã entra em conflito direto com a autoridade judaica hierosolimita, e grande parte dos judeus passou a se distanciar do Cristianismo, recusando-o e acusando-o de ser uma seita[5]. Na segunda fase, as diferentes comunidades passam a estabelecer normas gerais, buscando um entendimento comum sobre as normas e o direitos das mesmas; aparece com mais firmeza o credo em uma ‘Lei’ universal que deve ser observada em todo o *cosmos*[6], e em um Deus que representa o princípio da Justiça e do Amor para todos os Homens; além disso, as comunidades então estabelecidas passaram a praticar o ideal do “amor ao próximo”[7]. Não obstante, as disputas do primeiro período causaram as primeiras crises internas, produzindo movimentos intelectuais considerados divergentes da doutrina oficial (Gnosticismo, Marcionismo e Montanismo)[8] e compelindo os seguidores cristão ao reconhecimento e acolhimento em nível institucional de uma única nova fé (*regula fidei*). No bojo dessas transformações, a Igreja constituiu sua hierarquia, baseada em especial na sucessão episcopal[9]. Na terceira fase, principalmente a partir do século IV, o cânon dos escritos cristãos é mais firmemente estabelecido, isto é, desde então dá-se especial relevo às questões sobre quais escritos deveriam fazer ou não parte do *corpus* bíblico, quais seriam ou não considerados heréticos, como se constituiria o culto e quais seriam seus verdadeiros crentes[10].

Além dessas divisões no tempo e no modo de agir, o cristianismo primitivo deve ser também distintamente considerado do ponto de vista geopolítico, isto é, devemos levar em conta a formação de duas comunidades diferentes em relação ao poder central romano: a primeira com seu berço na Palestina e posteriormente na Síria e no Egito, e a segunda em sua Igreja em Roma. Ao que parece a comunidade primitiva cristã em Roma parece ter nascido sob o signo da perseguição e da oposição ao império, enquanto na Palestina tratava-se de uma luta fundamentalmente entre cristãos e judeus. Essa divisão marcou profundamente toda trajetória da Igreja nos primeiros tempos, norteando sua composição política, social e cultural, dividida entre o mundo greco-romano e a herança vétero-testamentária judaica[11].



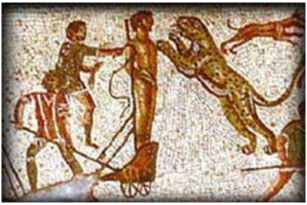
COTIDIANIO E IMAGINÁRIO DAS TRADIÇÕES CRISTÃS: UMA VISÃO SUMÁRIA

Dito isso, é possível então entender como grande parte da tradição “pagã” sobre o além-mundo baseava-se em uma crença típica do mundo greco-romano, todavia influente no judaísmo helenizado, cujas raízes estavam fincadas em territórios *au-delà* de seus nascedouros originais: a do *herói*[12] e de sua *morte heróica* permitida a poucos. Na visão dos antigos gregos, o herói era alguém com alguma qualidade extraordinária[13], a quem o divino passa a ser acessível, e a cuja morte deve-se fazer jus. Muitos caídos em guerras serão declarados heróis, embora isso não se constituía uma regra, antes uma exceção[14]; no entanto, as desventuras causadas ainda em vida aos soldados ‘heróis’ das cada vez mais constantes guerras do mundo greco-romano levaram a uma decadência do imaginário heróico, retirando-lhe parte de seu ‘glamour’, substituído ao final da República Romana, pela idéia de *consolatio*[15] (consolação), reconforto para a alma e, ao mesmo tempo, caminho para a verdade[16], idéia essa que se tornou cada vez mais comum[17], dentro e fora de Roma[18]. É importante frisar que até o final do primeiro milênio antes da era cristã, essas idéias habitam o imaginário de grande parte da população dos povos que viviam as margens do Mediterrâneo. Nesse sentido, a noção de uma ‘vitória sobre a morte’, ou dito de outra maneira, de uma *ressurreição de entre os mortos* (anástasis necrôn) ¢n£stasij nekrîn[19], como aparece no NT, e que tornou-se basilar na crença cristã, apresentava um vigor novo, estimulando a propagação do cristianismo em todo mundo greco-romano[20]. Intimamente ligada a essa idéia de ressurreição, aparecem nas passagens do NT as noções de julgamento (ou Juízo Final) e de recompensa aos crentes ou punição aos incrédulos[21], que variam levemente de texto a texto: em alguns casos, por exemplo, a retribuição no além-túmulo seria pois ajustada a cada qual segundo suas obras em vida[22]; em outros, a determinação dos crimes contra Deus já é manifesta e prefixada[23]; simultaneamente ocorre nessa mesma época uma modificação importante em relação às idéias de Céu e Inferno: em vários textos do NT nota-se um alargamento dos portões do Céu para a entrada dos justos, judeus ou gregos[24]; ao mesmo tempo o submundo ou Hades[25] é transformado em um lugar de tormentos sem fim[26]. Uma outra noção, igualmente grega[27], a de *ko/lpoi)Abraam* (*kolpoi Abraam* ou 'seios de Abraão') ganha força através da parábola do pobre Lázaro[28]. Nesse não-lugar, próximo ao Érebo, o patriarca parece observar de longe a morada dos mortos, o Hades; um espaço intransponível os separa, não apenas geográfico mas também moral, isto é, fica determinado que para alcançar a remissão dos pecados, só mesmo em vida, o que contrariaria a noção de remissão e ressurreição no final dos tempos feita pelo filho do Homem [29]. Nesse sentido, a contribuição do Apocalipse de João (ca. 95) - e da literatura escatológica dessa época de um modo geral[30] - tornou-se decisiva[31]. Nele, de modo simbólico, o apóstolo revela, entre outras coisas, o que estaria reservado aos justos e aos pecadores no além mundo [32]. É natural que a maioria desses textos provocasse horror e comoção, ao lado de representações morais e religiosas, além de procurar consolidar a realidade social e política, mas seu sentido último encontrava-se no caráter instrutivo que assumiam diante de uma realidade tão dura e muitas vezes favorável a intensas perseguições religiosas pelo poder central. Como resultado, o catálogo de penas que acompanha a maioria dessas obras constitui um importante material para compreender as punições e expiações dos pecadores no mundo dos mortos, bem como as benesses e regozijos dos justos no mundo celestial.



(Áreas da presença judaica após a diáspora).

À medida que se fechava o cerco em relação à religião cristã, o rigorismo moral (*ortopraxia*) e a preocupação social aumentaram. Em termos práticos, isto significava que a leitura semanal dos profetas e da Lei[33] fazia-se tendo em vista o cotidiano mais imediato. Idéias contidas na Bíblia acerca, por exemplo, do desrespeito por viúvas e órfãos - como em Timóteo[34] - aparecem com toda força e não se restringem apenas às camadas sociais mais desprivilegiadas, mas também a alguns setores da elite imperial. Alguns aspectos sociais de época são também ressaltados nos textos do NT, como é o caso da Escravidão. Os escravos lhes são naturais e não há qualquer tentativa de impedir a escravidão[35], pois a vida econômica dependia, ao menos no ocidente, de sua permanência[36]. No plano político, a mensagem do evangelho alcançava vagarosamente os estratos sociais mais elevados, tornando-se aos poucos uma real ameaça à política imperial[37]. Entre as personalidades de grande prestígio que abraçam a mensagem cristã nessa época podemos citar a figura singular Quintus Septimus Florens Tertullianus (160-220 d.C.). Nascido em Cartago, cidade do norte da África, Tertuliano filho de oficial romano, impressionado e entusiasmado com movimento cristão, passa a defender vigorosamente o novo credo em face à opressão religiosa estatal. Em suas obras, a ressurreição dos mortos abre caminho ao desenvolvimento das visões do além-mundo. Nelas, o reino dos mortos ganha uma sistematização ainda não vista, de modo a assegurar aos *post mortes* a justa recompensa ou a severa punição. Em seu *De anima*[38], uma obra que pelo menos em parte servia como resposta à doutrina platônica da alma, Tertuliano descreve de maneira clara e didática sua visão da hierarquia do além-túmulo: em primeiro lugar encontramos o Paraíso, repouso por excelência dos mártires; em segundo plano, aparece o *senus* (seio) de Abraão, onde os justos aguardam julgamento; em terceiro está o Hades, morada das almas perdidas. A não-polarização absoluta entre Luz e Trevas amenizava o traço punitivo e irrevogável presentes, por exemplo, nas teologias orientais[39]. Com isso, Tertuliano conseguia enriquecer o imaginário soteriológico cristão e garantir novas e maciças filiações à nova fé. Simultaneamente, em especial no Egito e na Ásia Menor, a então nascente Igreja Oriental iniciava um movimento intelectual que, entre outras coisas, considerava os castigos infernais não como vingança divina, mas antes como sublimação dos pecados. Titus Flavius Clemens ou *Clemente de Alexandria* (150-215), mas principalmente Orígenes (185-252) proclamavam a função corretiva das punições. Para Orígenes, também filósofo da chamada 'escola de Alexandria', a salvação seria alcançada por todas as almas, até mesmo por Satã, levando-nos, ao final, à reconciliação com a verdade divina. As noções escatológicas de Orígenes insinuavam uma espécie de ciclo cósmico, em que a *alma*, após sua queda no pecado original, investe-se de um corpo, cuja existência é incerta e efêmera; daí sua necessidade intrínseca de 'retorno' às suas origens e conseqüentemente à morada divina. Através dos tempos, haveria um 'progresso' no processo de purificação da alma, até que, enfim, o mal seria definitivamente vencido, e todas as almas retornariam à criação, ao que ele denominou *a)pokata/stasij pa/ntwn* ('apokatastasis panton', ou 'restauração de tudo')[40]. Para ele, a piedade de Deus era infinita e por isso as penas impostas no mundo dos mortos jamais seriam perpétuas. As idéias de Orígenes tiveram um profundo impacto na determinação do comportamento dos crentes da igreja primitiva, uma vez que possibilitariam a remissão, em algum momento, de todos os pecadores[41]. Entre seus adeptos encontramos grandes expoentes da teologia de então como Gregório de Nazianzo (329/330-389/390) e Gregório de Nyssa (335-394).

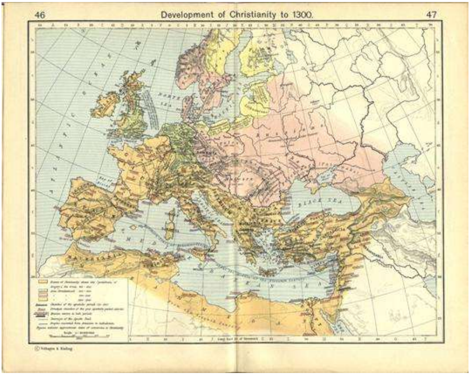


(Cena de um martírio).

No ocidente, a incipiente teologia ocidental, muito menos voltada para as questões contemplativas e místicas, em contraste com seus problemas institucionais e políticos no mundo romano, reagiu com cautela aos ensinamentos de Orígenes. A resposta mais vigorosa veio ao tempo de Santo Agostinho, com a condenação eterna de todos os pecadores.[42]. No entanto, ao contrário do que ocorria no Oriente, onde o *indivíduo* era o foco das atenções, os benefícios de uma vida reta e justa recaíam sobre *toda comunidade*, cuja pedra fundamental era o amor cristão[43]. Não é sem razão que o chamado 'martírio voluntário', isto é, o oferecimento feito pelo crente de seu próprio corpo para imolação, geralmente ao poder local, tornara-se algo tão comum no oriente cristão[44]. Já no ocidente, comunidades inteiras eram vítimas das perseguições promovidas pelos respectivos governadores de províncias[45]. No entanto, as inúmeras tentativas de desbaratar o *ateísmo* cristão[46] mostraram-se vãs em ambos os casos e alimentaram com toda a força o cristianismo missionário a fazer a propagação universal do evangelho, agora não mais exclusivamente apenas no mundo urbano[47].

CONCLUSÃO:

O início do século IV foi marcado pela última grande perseguição aos cristãos (Diocleciano 303) e pela promulgação do edito de tolerância do imperador Galerius, caracterizando o início e o fim de uma nova era[48]. Daí para frente, o Cristianismo não era apenas tolerado, mas assumia cada vez mais, principalmente depois de Teodósio, entre 380-395, o *status* de *religião* do Estado[49]. Sua liturgia tornou-se muito mais definida, ao mesmo tempo em que a canonicidade de sua tradição fora quase totalmente fixada[50]. Nesses três primeiros séculos de história, vimos que longe de seguir um desenvolvimento coeso e unilinear, a Igreja primitiva provou, dentro e fora dela, de várias batalhas. Seu principal desafio não foram os homens, mas suas idéias. Sua principal força tampouco estava nas mãos de indivíduos, soldados ou mártires, mas em uma nova fé. O Mundo Antigo então chegava ao fim[51].



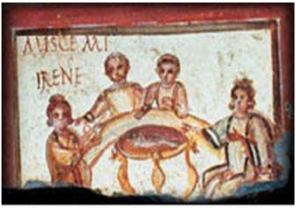
(Desenvolvimento da Cristandade até 1300 d.C.).

A vida dos primeiros Cristãos

a) Uma reunião dominical (Justinus, apol I 67)

`Hme‹j d   met¦ taàta loipÕn ¢eˆ toÚtwn ¢ll»louj ¢namimn»skomen· kaˆ oƒ œcontej to‹j leipomšnoij p©sin ™pikouroàmen, kaˆ sÚnesmen ¢ll»loij ¢e…. ™pˆ p©s… te oŒj prosferÒmeqa eÙlogoàmen tÕn poiht¾n tîn p£ntwn di¦ toà uƒoà aÙtoà 'Ihsoà Cristoà kaˆ di¦ pneÚmatoj toà ¡g…ou. kaˆ tÍ toà ¹l…ou legomšnV ¹mšrv p£ntwn kat¦ pÒleij À ¢groÝj menÒntwn ™pˆ tÕ aÙtÕ sunšleusij g…netai, kaˆ t¦ ¢pomnhmoneÚmata tîn ¢postÒlwn À t¦ suggr£mmata tîn profhtîn ¢naginèsketai, mšcrij ™gcwre‹. e   ta pausamšnou toà ¢naginèskontoj Ð proestëj di¦ lÒgou t¾n nouqes…an kaˆ prÒklhsin tÁj tîn kalîn toÚtwn mim»sewj poie‹tai. œpeita ¢nist£meqa koinÍ p£ntej kaˆ eÙc¦j pšmpomen· ka…, æj prošfhmen, pausamšnwn ¹mîn tÁj eÙcÁj ¥rtoj prosfšretai kaˆ o   noj kaˆ Ûdwr, kaˆ Ð proestëj eÙc¦j Ðmo…wj kaˆ eÙcarist…aj, Ósh dÚnamij aÙtù, ¢napšmpei, kaˆ Ð laÕj ™peufhme‹ lšgwn tÕ 'Am»n, kaˆ ¹ di£dosij kaˆ ¹ met£lhyij ¢pÕ tîn eÙcaristhqšntwn ˜k£stJ g…netai, kaˆ to‹j oÙ paroàsi di¦ tîn diakÒnwn pšmpetai. oƒ eÙporoàntej d   kaˆ boulÒmenoi kat¦ proa…resin ›kastoj t¾n ˜autoà Ö boÚletai d…dwsi, kaˆ tÕ sullegÒmenon par¦ tù proestîti ¢pot…qetai, kaˆ aÙtÕj ™pikoure‹ Ñrfano‹j te kaˆ c»raij, kaˆ to‹j di¦ nÒson À di' ¥llhn a„t…an leipomšnoij, kaˆ to‹j ™n desmo‹j oâsi, kaˆ to‹j parepid»moij oâsi xšnoij, kaˆ ¡plîj p©si to‹j ™n cre…v oâsi khdemën g…netai. t¾n d   toà ¹l…ou ¹mšran koinÍ p£ntej t¾n sunšleusin poioÚmeqa, ™peid¾ prèth ™stˆn ¹mšra, ™n Î Ð qeÕj tÕ skÒtoj kaˆ t¾n Ûlhn tršyaj kÒsmon ™po…hse, kaˆ 'Ihsoàj CristÕj Ð ¹mšteroj swt¾r tÍ aÙtÍ ¹mšrv ™k nekrîn ¢nšsth· tÍ g¦r prÕ tÁj kronikÁj ™staÚrwsan aÙtÒn, kaˆ tÍ met¦ t¾n kronik»n, ¼tij ™stˆn ¹l…ou ¹mšra, faneˆj to‹j ¢postÒloij aÙtoà kaˆ maqhta‹j ™d…daxe taàta, ¤per e„j ™p…skeyin kaˆ Øm‹n ¢nedèkamen.

Fonte:[ed. E. J. Goodspeed, - Die altesten Apologeten*, Göttingen 1915- Corpus Apologetarum Christanorum seculi secundi. Jena, 1876 sqq.]* .



Christians dining (catacomb painting)

(Cristãos ceando – pintura de uma catacumba)

A Vida dos Primeiros Cristãos

a) Uma reunião dominical (Justinus, *apologia* I 67)*

Mas nós continuamos sempre após tudo nos lembrando uns aos outros (destas coisas), que se nós pudermos socorrer a todos, que têm necessidade, e estarmos sempre todos uns aos outros unidos. Para tudo aquilo que nos for ofertado, louvemos o criador de todas as coisas por intermédio de seu filho Jesus Cristo e pelo Espírito Santo. E no dia, o qual é chamado o dia do Sol (Domingo), para todos os que habitem as cidades ou os campos que se reúnam e recitem as memórias dos apóstolos e os escritos dos profetas até quando for possível. Então quando o recitador tiver cessado a leitura, um representante exortará, com uma advertência e um convite, pela palavra a todos para que imitem tudo de belo do que foi dito. Depois, todos se levantam juntos e lançam votos. E como já foi dito antes (cap. 65), quando nossos votos tiverem cessado, será ofertado pão, vinho e água, e o representante da mesma maneira votos e agradecimentos, com toda força dada a ele, e o povo assentirá dizendo amém. E então tem lugar a distribuição e a troca de todas as graças a cada um e para aqueles que não estão presentes lhes será enviado pelos diáconos. E aqueles que possuem em abundância e por desejo, conforme a preferência de cada um, dê o que deseja e aquilo que for coletado será depositado junto ao representante e ele socorrerá os órfãos e as viúvas, e aqueles que por doença ou por qualquer outro motivo são privados de algo, a aqueles que estão em cadeias e a aqueles que são estrangeiros hóspedes, numa palavra, a todos que estão em necessidade ele lhes será um protetor. Então no dia do Sol (domingo), fazemos um encontro todos juntos, pois esse é o primeiro dia em que Deus realizou uma mudança nas trevas e na matéria e fez o cosmos (o universo), e Jesus Cristo nosso salvador nesse mesmo dia surgiu dos mortos. Pois no dia antes de Cronos (antes de Sábado), o crucificaram, e no dia após Cronos, isto é, naquele que é o dia do Sol (domingo), ele apareceu aos seus apóstolos e discípulos, e os ensinou tais coisas, que nós entregamos a vós para vosso exame.

BIBLIOGRAFIA:

Fontes Primárias:

Acta Eupli, ed. H. Musurillo, *The acts of the Christian martyrs*. Oxford: Clarendon Press, 1972. I, 1-2.

Santo Agostinho. *De civitate Dei* e *De doctrina christiana*. (excertos). In: Boehner, Ph. e Gilson, E. – *História da Filosofia Cristã – desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. R. Vier, O.F.M. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Apocalypsis Petri,. Bonn: ed. E. Klostermann, Apocrypha I: Reste des Petrusevangeliums, der Petrusapokalypse und des Kerygma Petri, 2nd edn. Kleine Texte 3. Bonn: Marcus & Weber, 1908.

Aristophanes – Sämtliche Komödien. Newiger, H.-J. e Seeger, L. (ed.) – Munique: Deutscher Taschenbuch, 1976.

Arnobius - *Adversus gentes*. Edinburg: T& T, 1871. III, 28, VII, I.

Bíblia de Jerusalém – São Paulo: Paulinas, 1980.

Boecio *De consolatione philosophiae*. (excertos). In: Boehner, Ph. e Gilson, E. – *História da Filosofia Cristã – desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. R. Vier, O.F.M. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Codex Theodosianus. –, Mommsen, Th. (Krüger, P e Meyer, P. M.) (ed.) - I/I, I/2, II, Berlin: ed. Hildesheim, 1990. Theodosius Magnus (CTh. 16, 1 de 380 a.C.).

(dxyh Krs - Serekh-ha-Yahad – A ordenação da Unidade) de Qumran (1QS I). Transcrição por David S. Washburn, 1997. Disponível em http://www.nyx.net/~dwashbur/1qsintro.htm. Acesso em 10.08.2004.

Oracula ed. J. Geffcken, *Die Oracula Sibyllina [*Die griechischen christlichen Schriftsteller 8. Leipzig: Hinrichs, 1902.

Origenes – *Contra Celsum* e *De Principiis*. (excertos). In: Boehner, Ph. e Gilson, E. – História da Filosofia Cristã – desde as origens até Nicolau de Cusa. Trad. R. Vier, O.F.M. 4ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

Plinio – Briefe. Kasten, H. (ed.) - Zuerich: ed Duesseldorf, 1995.

Georgios Syncellos - *Ecloga Chronographica 650. Mosshammer*, A. A. (ed.). Leipzig: B. G. Teubner, 1984

Tertuliano - *De anima*. Waszink, J. H. (ed.) Mit Uebersetzung und Kommentar. Amsterdam, 1933.

Fontes Secundárias:

1 - Afnan, R. – *Zoroaster's Influence on Anaxarogas, the Greek Tragedians, and Sokrates.* New York: Philosophical Libraty, 1969.

2 - Armstrong, A. H. – *Filosofia Grega e Cristianismo*. In: Finley, M. I. (org) – O *Legado da Grécia – uma nova avaliação*. Trad. Y. V. Pinto de Almeida. Brasília: ed. UnB, 1998. pp. 381-408.

3 - Barrera, J. T. – *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã – Introdução à História da Bíbli*a. 2ª.ed. Trad. Pe. R. Mincato. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. pp. 284-289).

4 - Barth, H.-L. *– Die Maer vom antiken Kanon des Hippolytos – Untersuchungen zur Liturgiereform*. Koeln: ed. Uma Você, 1999.

5 - Burkert, W. – Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Trad. M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1993. p.404.

6 - Frend, W. H. C. – *El fracaso de las persecuciones en el imperio romano*. In: Finley, M. I. (ed). – *Estúdios Sobre Historia Antigua*. Trad. R. López. Madrid: ed. Akal, 1981. pp. 289-314.

7 - Klauck, H.-J. – *Religion und Gesellschaft im fruehen Christentum. Neutestamentliche Studien*. Tuebingen: Mohr Siebeck, 2003. p. 193.

8 - Kuhoff, W. - *FLAVIUS CLEMENS, T(itus*). In: Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon. Vol. XX, colunas 503-519. Traugott Bautz, 2001.

9 - Malitz, J. - *Philosophie und Politik im frühen Prinzipat.* In: *Antikes Denken - Moderne Schule. Beiträge zu den antiken Grundlagen unseres Denkens*. H.W. Schmidt e P. Wülfing (org.). (Gymnasium. fascículo. 9.). Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1988. pp. 151 - 179.

10 - Momigliano, A. - *La Religione ad Atene, Roma e Gerusalemme nel primo secolo a.C.* In: Momigliano, A. – *Saggi di Storia della Religione Romana – Studi e lezioni 1983-1986. Di Donato*, R. (org.). Brescia: Morcelliana, 1988. pp. 27-43.

11 - Pellistrandi, St.-M. – *O Cristianismo Primitivo*. Col. Grandes Civilizações Desaparecidas. São Paulo: Círculo do Livro, 1978

11 - Simon, M. e Benoit – Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino. Trad. S.M.S. Lacerda – São Paulo: Ed. Pioneira – Edusp, 1987. pp. 311-332.

12 - De Ste. Croix, G.E.M. – *Por que fueron perseguidos los primeros cristianos?*. In: Finley, M. I. (ed.) – *Estúdios Sobre Historia Antigua*. Trad. R. López. Madrid: ed. Akal, 1981. pp. 233-273.

13 - ________________ - *The Class Struggle in the Ancient World – from the Archaich Age to the Arab Conquests*. Ithaca, New York: Cornell University, 1981. III, iv e IV, iii.

---

[*] Professor de História Antiga da Universidade Federal Fluminense

[1] Conforme a tradição cristã, o ato inaugural da primeira comunidade tem lugar logo após os Pentecostes (cf. At. 2, 1 sqq.), quando ocorre o arrependimento, o batismo e a partilha dos bens dos neoconvertidos (At. 2, 42 sqq.).

[2] Todas as datas são depois de Cristo, salvo indicação contrária

[3] Ambas as datas, do ponto de vista histórico, são questionáveis. Em realidade, a maior parte dos autores prefere tratar o 'cristianismo primitivo' a partir do período do apóstolo Paulo, principalmente após a composição das epístolas paulinas aos thessalonicenses (ca. 51). (Cf. as datas em Barrera, J. T. – A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã – Introdução à História da Bíblia. 2ª.ed. Trad. Pe. R. Mincato. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. pp. 284-289). Da mesma forma, grande parte dos especialistas ainda discute a data da presumida conversão de Constantino. Na maioria dos casos, todos estão concordes de que em algum momento Constantino I realmente se convertera, resta pois saber em que data (312, 324 ou 325 e 337). Cf. Simon, M. e Benoit – Judaísmo e Cristianismo Antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino. Trad. S.M.S. Lacerda – São Paulo: Ed. Pioneira – Edusp, 1987. pp. 311-332.

[4] Com Theodosius Magnus (CTh. 16, 1 de 380 a.C.).

[5] Aos olhos romanos uma 'superstitio' (superstição) (cf. a famosa carta no. 96 do livro X de Plínio, o Jovem, ao Imperador Trajano)

[6] Gl 4, 3 sq.

[7] Um esboço desse princípio já é encontrado na chamada (dxyh Krs - Serekh-ha-Yahad – A ordenação da Unidade) de Qumran (1QS I). Transcrição por David S. Washburn, 1997. Disponível em http://www.nyx.net/~dwashbur/1qsintro.htm. Acesso em 10.08.2004. (1QS I, *passim*). (Compare também com Lv 19, 18).

[8] Simon, M. e Benoit, A. – *op.cit.*pp. 147-161

[9] Simon, M. e Benoit, A. - *op.cit.* pp. 177-180.

[10] Barrera, J. T – *op.cit.* pp. 272-302.

[11] Klauck, H.-J. – Religion und Gesellschaft im fruehen Christentum. Neutestamentliche Studien. Tuebingen: Mohr Siebeck, 2003. p. 193.

[12] O caso do sumo-sacerdote Jasão pode ser interpretado nesse sentido (2 Mc 4).

[13] Burkert, W. – Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Trad. M. J. Simões Loureiro. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 1993. p.404.

[14] Burkert, W. – *op.cit.* p.403.

[15] Esse pensamento foi especialmente representativo em estóico como Cícero (106-43 a.C.) e Sêneca (1-65 d.C.), e posteriormente em Boécio (480-524).

[16] Pensamento esse desenvolvido plenamente por Boécio (470-525) em *De consolatione philosophiae*

[17] Para isso confira as importantes informações em Malitz, J. - *Philosophie und Politik im frühen Prinzipat.* In: Antikes Denken - Moderne Schule. Beiträge zu den antiken Grundlagen unseres Denkens. H.W. Schmidt e P. Wülfing (org.). (Gymnasium. fascículo. 9.). Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1988. pp. 151 - 179.

[18] As idéias equivalentes à *consolatio* romana são, tanto no mundo grego, quanto na Palestina helenizada, de ***pi/stij*** e ***e)lpi/j*** *(pistis e elpis)* - fé e esperança, respectivamente - ainda que, como ressalta A. Momigliano a popularidade dessas duas noções entre os judeus de Jerusalém seja bastante questionável (pp. 32-33). Cf. Momigliano, A. - *La Religione ad Atene, Roma e Gerusalemme nel primo secolo a.C.* In: Momigliano, A. – Saggi di Storia della Religione Romana – Studi e lezioni 1983-1986. Di Donato, R. (org.). Brescia: Morcelliana, 1988. pp. 27-43.

[19]1Cor. 15, 12 e *passim*.

[20]Aproximando-o das 'religiões de mistério' gregas. Cf. Armstrong, A. H. – *Filosofia Grega e Cristianismo*. In: Finley, M. I. (org) – O Legado da Grécia – uma nova avaliação. Trad. Y. V. Pinto de Almeida. Brasília: ed. UnB, 1998. pp. 381-408.

[21] 2 Cor. 5, 10.

[22] Rm. 2, 5 e 2 Cor. 5, 10: “Por quanto todos nós teremos de comparecer manifestamente perante o tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a retribuição do que tiver feito durante a sua vida no corpo, seja para o bem, seja para o mal” (Trad. Bíblia de Jerusalém – São Paulo: Paulinas, 1980.

[23] Rm 1, 28-32 e Gl. 5, 19-21: “Ora, as obras da carne são manifestas: fornicação, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, divisões, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos previno, como já vos preveni: os que tais coisas praticam não herdarão o Reino de Deus.” (Trad. A Bíblia de Jerusalém).

[24] Rm 2 e 3.

[25] Ap 1, 18.

[26] Por exemplo em Mt 16, 18 ou Ap. 20.

[27] Aristoph. Aves – 693-702.

[28]Lc. 16.19-31. Havia um homem rico que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte. Um pobre chamado Lázaro, jazia à sua porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico (mas ninguém lho dava). E até os cães vinham lamber-lhe as úlceras. Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado (Vulg. Foi sepultado no Inferno). Na mansão dos mortos (Hades), em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seus seios (o(r#= to\n A) braa/m a)po/ makro/qen kai\ La/zaron e)n toi=j ko/lpoi au)tou=). Então exclamou: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me refrescar a língua, pois estou torturado nesta chama’. Abraão respondeu: ‘Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quisessem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós’.

Ele replicou: ‘Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles seu testemunho, para que não venham eles também para este tormento’.

Abraão, porém, respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam’. Disse ele: ‘Não, pai Abraão, mas Abraão lhe disse: ‘Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se convencerão’. (Trad. A Bíblia de Jerusalém).

[29] Mt. 25, 31-46.

[30] Cf. por exemplo o chamado ‘Apocalipse de Pedro’, manuscrito provavelmente composto no Egito por volta de 135 d.C. em que o autor nos conduz em uma ‘excursão’ no *mundo dos mortos*. Apocalypsis Petri,. Bonn: ed. E. Klostermann, Apocrypha I: Reste des Petrusevangeliums, der Petrusapokalypse und des Kerygma Petri, 2nd edn. Kleine Texte 3. Bonn: Marcus & Weber, 1908.

[31] Principalmente Ap. 20 sqq.

[32] Entre a literatura escatológica apócrifa mais impressionante produzida nessa época estão os chamados *ORACULA SIBYLLINA* produzidos entre os séculos II a.C. e IV, com uma extensa e variada coleção de punições e recompensas no além-túmulo. Cf. Oracula ed. J. Geffcken, Die Oracula Sibyllina [Die griechischen christlichen Schriftsteller 8. Leipzig: Hinrichs, 1902 e também os Fragmenta, ed. J. Geffcken, Die Oracula Sibyllina [Die griechischen christlichen Schriftsteller 8. Leipzig: Hinrichs, 1902.

[33] At 13, 15; 15, 21. Lc 4, 16-17.

[34] 1Tm 5, 1-16

[35] 1 Tm 6, 1-2.

[36] No oriente da época helenística, ou em regiões deste, pelo menos no campo, a força de trabalho era formada em sua maioria por camponeses e artesãos dependentes. Cf. Kreissig, H. – A e*scravatura na época helenística*. Trad. Y. Garlan e M. Tailleur. In: Annequin, J., Claval-Levêque, M. e Favary, F. – Formas de Exploração do Trabalho e Relações Sociais na Antiguidade Clássica. Trad. M. da L.. Veloso. Lisboa: ed. Estampa, 1978. pp. 113 – 121. Entretanto, nos dois primeiros séculos da era cristã a situação da força de trabalho parece variar sensivelmente nas áreas estudadas. O impacto da expansão romana no oriente resultou na retração da servidão como forma de exploração do trabalho. Ainda assim, os casos eram diversos de região a região. Cf. – De St. Croix, G.E. M. - The Class Struggle in the Ancient World – from the Archaich Age to the Arab Conquests. Ithaca, New York: Cornell University, 1981. Espec. III, iv e IV, iii.

[37] A seguirmos a tradição cristã da Idade Média (Georgios Syncellos Eclog. Chronogr. 650), essa tendência vinha pois se confirmando desde de o final do século I d.C., a partir do período do imperador romano Domitianus (89-96) quando Flavius Clemens (63-95), seu primo, foi executado por sua crença cristã. Sua mulher, Flavia Domitilla passou a ser honrada como a primeira mártir. No entanto, a historiografia atual parece desautorizar essa interpretação. Cf. Kuhoff, W. - *FLAVIUS CLEMENS, T(itus*). In: Biographisch-Bibliographisches Kirchenlexikon. Vol. XX, colunas 503-519. Traugott Bautz, 2001.

[38] *De anima*, principalmente capítulos LIV, LV e LVII.

[39] Representada, por exemplo, no dualismo zoroastrista, influente também no pensamento grego. Cf. Afnan, R. – Zoroaster’s Influence on Anaxarogas, the Greek Tragedians, and Sokrates. New York: Philosophical Libraty, 1969.

[40] Cf. p. ex. Orig. *Cont. Cels.* VII, 3, 24.

[41] Cf. Orig. *De princ.* I, 6.

[42] Cf. St. Aug. *De civitate Dei* XXI, 23 : « Quod ibi dictum est aeternum, hic dictum est in saecula saeculorum”

[43] Como parece esboçado em St. Aug. *De civitate Dei* XXII, 30. A metáfora utilizada por Santo Agostinho em *De doctrina christiana* do espetáculo teatral cuja atmosfera serve de amálgama entre os espectadores nos parece aqui ser exemplar:

“Esta função do amor consta da nossa experiência cotidiana. Todos já tivemos oportunidade de verificar, ao assistir a um espetáculo, como um belo drama costuma criar uma atmosfera de mútua simpatia entre os espectadores. O aficionado do teatro que ama um ator particular, estende, muito naturalmente, a sua estima a todos quantos compartilham do mesmo sentimento. E, quanto mais alta a sua estima pelo ator em questão, tanto mais se esforçará por fazê-lo amar e admirar do maior número possível de pessoas. Procurará excitar os que manifestem pouco entusiasmo, e irritar-se-á contra os que ousam criticá-lo. Como se vê, o amor é uma força *plasmadora* (grifo meu) de sentimentos comunitários. Dá-se o mesmo com o amor de Deus. O homem que tem amor a Deus, há de tê-lo também aos seus semelhantes. Ama-os como a si mesmo, por consideração a Deus. Seu desejo é que eles amem a Deus, mas com um amor mais forte do que as coisas criadas poderiam despertar, pois amar a Deus, e fruir dele, é ser feliz. Por isso, o justo ama a todos, em Deus, sem excetuar os próprios inimigos. Com efeito, não tem razão para temê-los, pois não podem arrebatar-lhes o seu Deus; antes, ele os deplora, por vê-los separados do amor de Deus. Também eles o amariam se decidissem converter-se ao seu amor” (St. Aug. *De doctr. Christ. 1, 29, 30; 34,30*.

[44] É obvio que essa diferença entre a perseguição no ocidente e no oriente não deve ser observada *stricto sensu*. Para isso, basta lembrarmos do dramático martírio de Euplo (Acta Eupli, ed. H. Musurillo, The acts of the Christian martyrs. Oxford: Clarendon Press, 1972. I, 1-2.), que no entanto revela-se um errante.

To‹j kur…oij ¹mîn Dioklitianù tÕ œnnaton kaˆ Maximianù tÕ Ôgdoon Øp£toij, tÍ prÕ triîn kalandîn Ma wn ™n tÍ ™pifanest£tV Kat£nV ™n <tù> sikritar…J prÕ b»lou, æj œkraxen Eâploj aÙto‹j <kaˆ> e pen· 'Apoqane‹n qšlw, CristianÕj g£r e„mi. KalbisianÕj Ð lamprÒtatoj korr»ktwr e pen· E‡selqe, Ð kekragèj. kaˆ æj e„sÁlqen ™n tù sikritar…J Ð mak£rioj Eâploj t¦ ¥cranta eÙaggšlia ™piferÒmenoj, M£ximoj Ð lamprÒtatoj e pen prÕj aÙtÒn· 'Aprep j pr©gma katšceij kaˆ ¢penant…aj tîn prostagm£twn tîn aÙtokratÒrwn ¹mîn. KalbisianÕj korršktwr e pen· Taàta pÒqen e„s…n e„ ™k tÁj o„k…aj sou ™xenšcqhsan Ð mak£rioj Eâploj e pen· OÙk œcw o„k…an· toàto kaˆ Ð kÚrioj o den.

“Aos nossos senhores Diocleciano, em seu nono consulado, e Maximiano, em seu oitavo consulado (isto é, em 304 d.C., para ambos), no *a. d. III Kalendas Maias* (ou seja, 29 de abril), na ilustrissima (cidade) de Catane (Sicília), no ‘sicritário’, defronte ao cortinado, quando Euplos gritou e disse a eles: “Eu desejo morrer, pois sou cristão”. Kalbisianos, o mais impetuoso (ou ilustre) governador corrector disse: “Que entre o vociferador!”. E quando ele entrou no sicritario, o bem-aventurado Euplos, portando os imaculados evangelhos, Máximos, o mais vigoroso, disse-lhe: Tu realizaste um ato indecoroso e contrário aos preceitos de nossos imperadores. Kalbisianos, o governador ‘corrector’ disse: “se existem objetos onde quer que eles estejam, eles serão retirados de tua casa”, ao que o bem-aventurado Euplos respondeu: “eu não tenho casa, portanto o imperador nada tem”. Citado também por De Ste. Croix, G.E.M, Cf. nota 45, mas que omite a última parte.

[45] Cf. De Ste. Croix, G.E.M. – *Por que fueron perseguidos los primeros cristianos?*. In Finley, M. I. (ed.) – Estúdios Sobre Historia Antigua. Trad. R. López. Madrid: ed. Akal, 1981. pp. 233-273.

[46] A palavra ‘ateísmos’ significa aqui a não adoração dos deuses do panteão divino pagão, resumida na fórmula ‘deos non colere’ (não cultuar os deuses), e não aquele que não crê em Deus. Ateu era então aquele que não honrava ou sacrificava *aos deuses* do panteão romano. Cf. p. ex. Arnob. *Adv. Gentes* III, 28, VII, I.

[47] Frend, W. H. C. – *El fracaso de las persecuciones en el imperio romano*. In: Finley, M. I. (ed). – *op.cit.* pp. 289-314.

[48] Ste. Croix, G.E.M – *op.cit.* p. 235.

[49] CTh. 16. I. 2, a. 380 (d.C.).

[50] Veja p. ex. um estudo resumido sobre o início dos diferentes elementos da liturgia cristã em Barth, H.-L. – Die Maer vom antiken Kanon des Hippolytos – Untersuchungen zur Liturgiereform. Koeln: ed. Uma Você, 1999.

[51] Em português existem poucas obras de fácil acesso ao grande público sobre o tema em questão. A melhor ainda é, apesar dos pesares, a obra de Pellistrandi, St.-M. – O Cristianismo Primitivo. Col. Grandes Civilizações Desaparecidas. São Paulo: Círculo do Livro, 1978, rica em detalhes arqueológicos.

[*] Tradução livre.